

NOTAS DE BIBLIOGRAFIA E CRÍTICA

LA LINGUISTIQUE — revista internacional de Lingüística Geral, editada por "Presses Universitaires de France" e dirigida por André Martinet, circulou com mais dois números referentes ao 2.º semestre de 1966 e ao 1.º semestre de 1967.

Em seu 2.º número, publica a seguinte matéria:

1. "Pour une reconstruction structurale des enseignements de phonétique", J. Fourquet.
2. "Baudouin de Courtenay and phonological analysis", Henry G. Schogt.
3. "Le Contrepet", Denise François.
4. Quelques points de sémiologie du cinéma", Christian Metz.
5. "Sur l'activité du diaphragme dans les composés nominaux du latin", Françoise Bader.
6. "Remarques sur la phonologie du tamoul", Paul Albert.
7. "Apparition, maintien et chute du e caduc", Pierre R. Léon.
8. "Pourquoi des dictionnaires étymologiques", André Martinet.
9. "Remarks of the Structure of Kabardian", Aert H. Kuipers.

No 3.º número encontramos os seguintes artigos:

1. "Les langues dans le monde de demain", André Martinet.
2. "Expansion, transposition and derivation", Hans Marchand.
3. "The crisis in modern general linguistics", G. Herdan.
4. "Un système logique comme cadre d'une étude comparative de deux structures", Henri Vernay.
5. "La prononciation française en Alsace", Marthe Philipp.
6. "Quelques statistiques sur la fréquence d'utilisation des voyelles nasales françaises", Tsutomu Okamatsu.
7. "Une distinction grammaticale sauvée para l'emprunt", Fanny Sivers.
8. "Enquête sur la phonologie du français contemporain", Guiti Deyhime.
9. "Extraits de la correspondance de N. S. Trubetzkoy", Claude Hagège.
10. "Le structuralisme de Hanz Glinz", Blanche Grunig.

LINGUA E STILE — revista quadrimestral do Instituto de Glotologia da Universidade de Bolonha (Itália), é dirigida por Luigi Heilmann e entre os seus colaboradores figuram destacados lingüistas italianos e

de outras universidades européias. De janeiro de 1966 até a presente data circularam quatro números.

Um dos objetivos da nova revista é o de promover a unificação científica interdisciplinar, dando prosseguimento à tarefa iniciada por G. Bottiglioni na Universidade de Bolonha:

"... gli orizzonti si ampliano, le frontiere cadono, l'indagine interdisciplinare si fa più urgente... Chi attende all'indagine del fenomeno linguistico, nei suoi diversi aspetti, non può ignorare la nuova dimensione della linguistica nel suo passaggio da disciplina puramente storica, o vagamente filosofica, a scienza obiettiva fondata soprattutto su basi funzionalistiche e quantitative".

O título "Lingua e Stile" pretende indicar as dimensões da pesquisa no plano da língua comum, da língua poética e, de modo mais geral, do sistema lingüístico; portanto, abordará questões lingüísticas e estilísticas, mas dará grande importância aos problemas de lógica e epistemologia, de semiologia e de comunicação, que possam esclarecer o fenômeno central da linguagem. Aceita divulgar teses de interesse geral, assim como análises de temas particulares, que sirvam a demonstrar a aplicação do método estrutural. Procura ser assim uma revista moderna, de acordo com as exigências de nossa época, isto é, abrir caminhos novos à discussão dos problemas de linguagem, socorrendo-se das sugestões que vêm de outras disciplinas.

O 1.º número (janeiro-abril 1966) publica:

1. "Per una linguistica della menzogna", Harald Weinrich. 2. "Trasformazioni e semantica", Giulio C. Lepschy. 3. "Modelli semiologici: l'arbitrarietà semantica", Tullio de Mauro. 4. "Grafematica, fonematica e critica testuale", Luigi Rosiello. 5. "N. S. Trubetzkoy critico letterario", Ezio Raimondi. 6. "Alcuni fondamenti linguistici nell'insegnamento delle lingue", Enrico Arcaini. 7. "Ricordo di L. Hjelmslev (1899-1965)", Aldo Prosdocimi.

O 2.º número (maio-agosto 1966) publica:

1. "La lessicalità e il suo riflesso statistico", Gustav Herdan. 2. "Difficoltà linguistico-funzionali e discorso tecnico", Alberto Pasquinelli. 3. "Scarto stilistico e arricchimento del sistema", Gualtiero Calboli. 4. "Parola e mito in "Conversazione in Sicilia", Franca Bianconi Bernardi. 5. "Tecniche e strutture narrative", Ezio Raimondi. 6. "Significato e uso", Luigi Rosiello. 7. "Considerazioni critiche sui syncategorematica", Enzo Melandri. 8. "Figure e correnti della moderna linguistica", Giuseppe Francescato.

O 3.º número (setembro-dezembro 1966) publica:

1. "Due analisi binarie del sistema fonemático italiano", Zarko Muljacic. 2. "Appunti per un'analisi strutturale di alcuni tipi sintattici italiani", Mario Alinei. 3. "Problemi di metrica: un esperimento de tipologia italo-russa", Paolo Valesio. 4. "Técnica e literatura", Guido Guglielmi. 5. "Qualche problema epistemológico della psicolinguística", Renzo Titone. 6. "Per una semántica scien-do?", Ezio Raimondi. 8. "I émetodi strutturalisti nelle scienze so-fística", Raffaele Simone. 7. "Rinascita del formalismo? In che mo-ciali", Giorgio Sandri.

FARIS ANTÔNIO S. MICHAELE

ARABISMOS ENTRE OS AFRICANOS NA BAHIA

Edição do Autor — 1968, 155 pp.

Faris Antônio S. Michaelé é professor de Inglês na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa, PR., onde também leciona Tupi. Presidente perpétuo do Centro Cultural Euclides da Cunha, em Ponta Grossa, de que foi o principal fundador, e diretor de **Tapejara**, órgão da mesma entidade, o prof. Michaelé tem várias obras publicadas: **Ensaio Contempórâneos (Ciência e Filosofia)**, **Titãs de Bronze** (Ritmos da América), **Manual de Conversação da Língua Tupi, Brazil — An Ethnic Hodgepodge in Latin America**, **Breve Introdução à Antropologia Física (Suas relações com a Antropologia Cultural)**.

A obra presente, resultado de uma série de artigos na imprensa, é uma interessante e valiosa contribuição para o estudo do elemento africano no Brasil. Dá a conhecer ou a frisar o influxo arábico-muçulmânico nas línguas africanas dos escravos baianos. Com isso, afirma o A., vem contribuir para a "reabilitação do Negro", e salienta que "nem sempre o branco, senhor de infinita escravaria, era o mais civilizado ou alfabetizado". Para a defesa de seus argumentos não raro o A. externa tons polêmicos, não só a lingüistas, senão e principalmente a historiadores, antropólogos, etnólogos, etc.

O A. enriqueceu a obra, mesmo em cada página, com um singular cabedal de conhecimentos, notas, informes e digressões, que, com repetições dispensáveis, comparações supérfluas, não raro embaraçam a seqüência da leitura. Em muitos pontos, conseguintemente, a obra conspira contra a economia, para não dizer contra o compreensibilidade, pois não são poucos os passos ambíguos ou mesmo obscuros.

Tamanha riqueza de material em tão poucas páginas (134 pp., sem contar a bibliografia, que é amplíssima) dá oportunidade para expansões de algumas notas ou observações a título de colaboração. É o que vou fazer, acompanhando a seqüência das páginas.

P. 24: É bem plausível que o árabe **barber**, “murmurar coisas incompreensíveis”, seja decorrência do lat. **barbarus** (do grego **bárbaros**), pois primitivamente era designação pejorativa ou injuriosa de quem não falava o latim (ou o grego), mas balbuciava ou gaguejava. Assim, os **berberes** tiveram tal nome dos latinos através do árabe.

P. 25: “Grossoiro”, em árabe, não é **jalif**, mas **galiz**, e daí não se poderia ter **jalofo**. E os sinônimos de **galiz** não combinam com aquela forma.

P. 30: **Níger** é claro topônimo latino, e **efêndi** não é arábico, mas turco.

P. 78: Com respeito à classificação do haussa, língua comercial do Sudão, lembrarei que, para Trombetti, foi colocado entre os idiomas “centrais”, entre os “semibantos” (ocidentais) e os “nilóticos” (orientais) (**Elementi di Glottologia**, p. 25). E em **Langues du Monde** (Meillet e Cohen) o haussa faz parte do grupo níger-chadiano (p. 795 a 797), por sua vez incluído entre as línguas do Sudão-Guiné. Para F. N. Finck, participa do ramo centro-sudanês (**Die Sprachstämme des Erdkreises**, 3.ª ed., p. 122).

Pelo que se expôs e mesmo pelo que diz o prof. Faris, não há discordância tão grande na classificação do haussa, se se reconhece nêle aproximação às línguas sudanesas.

P. 79: Pode ser que **atabaque** seja “alteração do árabe **drambaque**, por influência de **atábol**, “tambor”, porém parece mais razoável o ár. **atabaq**, “prato, cêsto pequeno”, mesmo pela semântica (v. J. Pedro Machado, **Influência Árábica no Vocabulário Português**, I, s.v.). Nos dicionários árabes que possuo (o da Librairie du Liban, o Bellot, o Elias, êste com numerosas expressões populares e egipcismos), não encontrei essa forma para “tambor”, o qual mais parece deformação de um inglês **drum back**, ou coisa símile.

Um eco daquilo seria **darbuka**, “tambor, de pele sôbre vaso de argila”, mas árabe da Líbia.

P. 79: O antropônimo árabe **Laila** ou **Leila** nada tem de ver com **laila**, “noite”; há apenas coincidência de sons. E aquêle significa “formosa”. É a lição que me deu, há anos, o prof. Davi Curi, por ocasião da feitura de meu **Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes** (cuja 2.ª edição está prevista para 1969). É, pois, errada a

etimologia de G. Tibon no **Diccionario de Nombres Propios**, México, 1956.

P. 80: Ponho em dúvida a proveniência arábica de **ma**, “não”, no ioruba. Vocábulos dessa natureza não são migráveis.

Ma, ou símile, é encontradiço em vários grupos lingüísticos (v. Trombetti, **Elementi**, p. 229).

Quanto à negação **la**, diz êsse A.: “Abbiamo infine la negazione del tipo semitico **la** molto diffusa”. (Ibidem, p. 230).

P. 82: Faris Michaele mistura “matéria de crenças religiosas” com vocábulos. Não nego que haja resíduos de paganismo no cristianismo (v., p. ex., apesar de certos exageros, L. Duchesne, **Origines du Culte Chrétien**, 5.^a ed., 1909), mas, p. ex., o emprêgo do têrmo **Deus** pelos cristãos não foi movido pelo conceito que dêle faziam os romanos pagãos.

Poderia servir qualquer expressão, ou criar-se um têrmo nôvo. Os hebraicos **Yahweh**, **El**, **Adonai** eram demasiadamente judeus para servir ao cristianismo, porém mesmo assim haveria a possibilidade. É oportuno lembrar que o tupi **Tupã**, “trovão”, aplicado a Deus, é criação dos jesuítas (M. da Nóbrega, **Cartas do Brasil — 1549-1560** — Rio, 1931, p. 99).

Nem o uso cristão do lat. **infernus** exprimia uma realidade idêntica à do paganismo.

P. 85: F. M. não prestou atenção a um fenômeno semântico, quando assevera: “Bela lição para os que só enxergam no negro um fazedor de mandinga e macumba bárbara e sanguinária, esquecidos de que a palavra “**mandinga**” quer dizer “**povo malinque**”, por sua vez, “**monoteísta**”. “Em última análise, mandinga não é feitiço, mandraco ou coisa que isto valha, mas simplesmente: “**reza do Alcorão**”.

Abra-se qualquer dicionário português e aí se verá que **mandinga** é, de fato, “feitiçaria, feitiços”. É assim que o define, p. ex., o Moraes (ed. de 1813), e baste. E Jacques Raimundo, tratando da etimologia, diz o seguinte: “É o mesmo nome com que se designa o povo, que é muito dado à prática de feitiçarias” (**O Elemento Afro-negro** . . . , p. 140). Claro que se trata de um fenômeno semântico, perfeitamente justificável, e eu aduzo êste símile que é o caso dos **vândalos**.

Se assim não fôsse, **mandinga** não poderia ser “reza do Alcorão” . . .

Na pág. 80, a propósito de **baba**, "pai", "forma idêntica ao árabe", e, na pág. 92, a propósito de **umá(u)** "mãe" (assim também na pág. 96, a respeito de **uba**, "pai"), que é cotejado com o árabe **úmmat**, convém deixar de lado tais palavras, dada a natureza do que exprimem. Qual teria sido a forma vernácula nessa língua africana para a idéia de "pai" e de "mãe"? Seria necessário um condicionamento especial para possibilitar o empréstimo arábico. Teria havido?

Lembro, com respeito ao universalismo infantil dessas expressões, o capítulo — **Por que "Mama" e "Papa"?** — da obra de Roman Jakobson **Fonema e Fonologia**, tradução de J. M. Câmara Jr., Rio, 1967, e, do mesmo A., o estudo **Les lois phoniques du langage enfantin et leur place dans la phonologie générale** incluso nos **Principes de Phonologie** de N. S. Troubetzkoy, Paris, 1949.

P. 94: O haussa **çômau**, "céu", "foi expressão introduzida por intermédio da religião,..." Será que **çômau** quer dizer "paraíso" ou também "paraíso"? É o que resta investigar. Em ár., contudo, é como em português.

P. 95: O armênio **mard**, "homem", é relacionado à raiz indo-européia **m-r-t**, "morte, morrer". Acho mais razoável ligar o armênio ao lat. **maritus**, "marido", cognato do lituano **marì**, "filhinha", ao sânscrito **máryah**, "môço", etc., e cognato do semítico **mara**, "mulher".

P. 96: "Realmente, os elementos do homem das priscas eras deviam ser limitadíssimos. Sobre isso, há, no entanto, muita divergência".

Quem reconhece a monogênese, está longe de admitir tal pobreza; pelo contrário, compreenderá perfeitamente a riqueza lingüística dos homens primitivos. São de Trombetti estas palavras: "In primo luogo, noi conosciamo soltanto un'evoluzione discendente, cioè da una struttura ricca ad una meno ricca di forme, come ho dimostrato in **Unitá**, 45-49. In secondo luogo la comparazione estesa a tutti i gruppi linguistici dimostra che questi hanno in comune non già soltanto le radici, ma anche una grande quantità di forme grammaticali, come vedremo nella Morfologia. Ciò dimostra che verso la fine del periodo unitario il linguaggio umano aveva raggiunto un notevole sviluppo, cui doveva corrispondere anche un certo grado di "cultura" non più rudimentale" (**Elementi**, p. 210).

P. 102: Convém salientar, como faz F. M., o monogenismo lingüístico. A doutrina contrária não pode ser sustentada. Ademais, a tendência dos estudos comparativos é para a monogênese. Há gran-

des empreendimentos dessa natureza que estão sendo feitos, p. ex., nos Estados Unidos, cujos especialistas coligam idiomas americanos principalmente aos oceânicos. Aqui apenas citarei o seguinte passo de H. Hoiyer: "Eskimo-Aleut has been compared to Ural-Altaiç, Athapaskan and Na-Dene to the Sino-Tibetan family, and Rivet has suggested the possibility that some American languages may ultimately be connected to language families in the southwest Pacific" (**Some Problems of American Indian Research "in" Papers from the Symposium on American Indian Linguistics**, Berkeley e Los Angeles, 1954, p. 7).

Há preconceitos contra o monogenismo, ou, quando não, alegam que ainda é cedo para a tarefa, ou que há línguas desaparecidas, etc. Mas os estudiosos não têm conhecimento do que já se fez, principalmente da parte de A. Trombetti, o qual convictamente asseverava, em 1923, que a monogênese é **doutrina, não teoria, nem hipótese**: "E fino a che non siano confutate ad una ad una e nel lord' insieme le infinite prove addotte, la mia dottrina (non teoria nè ipotesi!) deve considerarsi come dimostrata" (**Elementi**, prefácio, p. III). E acrescentava: "Del resto, a parte l'opera mia, da un ventennio la Glottologia procede appunto nella direzione da me indicata".

Ademais, proceder à leitura atenta de qualquer trabalho dessa natureza requer uma disposição insólita que não é fácil encontrar mesmo entre lingüistas (não comparatistas). Em conseqüência, as obras de Trombetti ou são desconhecidas ou se não desconhecidas, não são manuseadas como devem ser.

Além dos **Elementi** já citados, compulsei e tenho compulsado **L'Unità d'Origine del Linguaggio**, Bolonha, 1905; **Come si fa la critica di un libro**, Bolonha, 1907 (réplica a críticas); Nama "**Tara-khoisa**" = "**Dar-kí-sa**" ku-Nama, Bolonha, 1911; **Le Origini della Lingua Basca**, Bolonha, 1925; **Gli Etruschi e la loro Lingua**, Milão, 1926; **La Lingua dei Bororos — Ororimugudogue secondo i materiali pubblicati dalle Missione Salesiane**, Turim, s/d, além das valiosas obras de divulgação de Jorge Bertolaso Stella.

Certamente há muitas coisas em suas obras que requerem revisão ou novos estudos, mesmo retificações, pois não há ninguém infalível, mas há muitas coisas que são já conquistas científicas definitivas. **Futurum plura docebit** são palavras do mesmo Trombetti.

O prof. Faris reproduziu dêsse A. várias comparações, "ainda que a título de curiosidade, mas", acrescenta, "uma curiosidade que dá o que pensar" (p. 132).

P. 114: Acêrca do moçarábico, deixou de referir-se aos estudos

de José Pedro Machado: **O Português e o Romancão do Sul de Portugal** "in" **Rev. de Port.**, A, IX, n.º 44, Lisboa, 1946; **Adolfo Coelho e o Romancão Moçarábico** "in" **Boletim de Filologia**, X, Lisboa, 1949; de José G. Herculano de Carvalho: **Moçarabismo Lingüístico ao Sul do Mondego** - sep. da **Rev. de História**, VIII, Coimbra, 1961, e reproduzida em **Estudos Lingüísticos**, I, Lisboa, 1964; e o meu desprezioso opúsculo **O Romancão Moçarábico Lusitano** — sep. de **Letras**, n.ºs 5 - 6, Curitiba, 1956.

P. 115: O semítico **malak**, "rei", coincide fortuitamente com o semítico **malak**, "mensageiro", "anjo" (cp. hebraico **mal'ak**). Este tem por ascendente um verbo semita, sem correspondente no árabe, com o sentido de "anunciar, mandar mensagem". E o ár. **malak**, "anjo", é talvez hebraísmo.

P. 123: Em que pese à autoridade de A. Cuny, prefiro estar com Trombetti, que alia o semítico **kalb**, "cão", ao germânico **kalb**, "bezerro". É absurda a ligação com o sânscrito **gharbak**, "feto, útero", ou com o hebreu **kéreb**, idem, e mesmo com o árabe **qalb**, "coração". É também a opinião de Faris Michael, que segue aí a Trombetti.

De passagem, faço referência ao sufixo - **b** ou - **ba**, comum em nomes de animais, em diversos grupos lingüísticos (Trombetti): suaíle **simba**, "leão"; quimbundo **n-dumbu**, "leão"; **n-gombe**, "boi"; **n-dimba**, "lebre"; **ku-limba**, "gato"; "grego **eléphas** < **elebha**-, "elefante"; **élaphos** < **elabho**-, "veado"; caingangue **kambé**, "veado", baroro **atubo**, "cervo"; chibcha **komba**, "tigre"; **hiba**, "sapo", **umpa**, "gavião"; comanche **tabo**, "coelho", **parabo**, "lebre", etc.

E o que se acha em **kalb**, "cão" e "bezerro" é o mesmo elemento comum.

E assim dou por encerradas as observações, que não tiveram, não têm outro intuito senão o de prestar colaboração à obra **Arabis-mos Entre os Africanos na Bahia**, à qual almejo máxima divulgação no meio culto nacional, para "tornar mais conhecida a figura do escravo muçulmano ou muçúlmi".

Curitiba, 5 de dezembro de 1968.

R. F. Mansur Guérios.

J. N. STARLING e C. MACIEL DA CUNHA, **Cours de Français — Méthode Structurale**, I vol. br., 140 x 190 mm., XII — 348 pp.,
Editôra Paulo de Azevedo, Rio de Janeiro, 1968

“Tentamos apresentar a nossos colegas um manual que parte do princípio de que a língua é um sistema. Trata-se do método estrutural”, que pode ser descrito, conforme dizem os Autores, “como aquele em que se fala a língua estrangeira desde a primeira lição”.

Sem querer fazer aqui uma apreciação sôbre a obra em aprêço, e menos ainda sôbre o método estrutural, desejamos assinalar tão-sòmente a publicação desta obra, composta com grande cuidado e vasta experiência didática.

Como em tôdas as coisas, a experiência irá mostrar as reais vantagens dêste método de ensino das línguas.

Os Autores, professôres na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, nalgumas páginas introdutivas (8 páginas), esclarecem aos colegas a estrutura da obra. Segue-se a exposição da matéria, dividida em quatro partes (300 páginas). Encerram o volume: a) Uma antologia (8 páginas); b) Ditados (6 páginas); c) Uma síntese gramatical (30 páginas). “Não julgamos necessário — escrevem os Autores — colocar uma gramática no fim do livro. Entretanto, encontrar-se-ão, no fim, sob o título de **Flexions**, alguns esquemas que, eventualmente, poderão ser úteis ao professor”. Fazemos votos porque o esforço dos Autores consiga o êxito desejado.

Luígi Castagnola.

Resenha Bibliográfica de Publicações da FFCL da UF do RGS.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UF do RGS, em Pôrto Alegre, publicou uma série de livros, que julgamos útil assinalar aqui aos leitores de **Letras**.

Trata-se de publicações de caráter literário, filosófico, histórico e artístico, que evidenciam o preparo cultural e a atividade literária dos Mestres daquela Faculdade, e são frutos de estudos aturados e pesquisas científicas dignos de elogio.

Esta é uma simples resenha bibliográfica, que não se detém em apreciações críticas.

1) **Euclides da Cunha**, Edições da FF da UF do RGS, Pôrto Ale-

gre, 1966, 1 vol. br., 12 x 18 mm, 112 pp. — Reúne os estudos de Guilhermino Cesar (**A visão prospectiva de Euclides da Cunha**), Donaldo Schüler ("**Os Sertões**" — **uma visão antitética da realidade**), Flávio Loureiro Chaves ("**Os Sertões**": **da crise à tragédia**), escritos para comemorar o primeiro centenário do nascimento de Euclides da Cunha.

2) **Benedito Croce**, Edições da FF da UF do RGS, Pôrto Alegre, 1966, 1 vol. br., 12 x 18 mm, 82 pp. — Reúne as conferências de Ângelo Ricci (**O Pensamento Filosófico e Estético de Benedetto Croce**), Guilhermino Cesar (**Pensamento de Ação de Benedetto Croce**), Valério Rohden (**O Conceito de Linguagem em Benedetto Croce**), pronunciadas na FF da UF do RGS, no ciclo de palestras promovido para comemorar o primeiro centenário do nascimento do filósofo italiano. Colaborou para esta edição o Consulado Geral da Itália, no Rio Grande do Sul.

3) **Croce — A Poesia**, Edições da FF da UF do RGS, Pôrto Alegre, 1967, 1 vol. br., 12 x 18 mm, 228 pp. — É a tradução da obra de Croce **La Poesia — Introduzione alla crítica e storia della poesia e della letteratura**, devida a Flávio Loureiro Chaves. Graças a esta publicação, os estudiosos brasileiros dos problemas relativos à poesia têm ao seu alcance, em língua portuguesa, a tão discutida obra de Croce. O Cônsul Geral da Itália no Rio Grande do Sul, Dr. Alfredo di Mattei, colaborou na publicação.

4) **A Intrusa**, de Maurice Maeterlinck, C.A.D. da FF da UF do RGS, Pôrto Alegre, 1967, 1 vol. br., 12 x 18 mm, 56 pp. — A tradução desta peça teatral é devida a Guilhermino Cesar, que escreveu, também, uma **Explicação**, à maneira de prefácio, para ilustrar aos leitores o teatro de Maeterlinck.

5) **Para Cervantes**, C.A.D. da FF da UF do RGS, Pôrto Alegre, 1 vol. br., 12 x 18 mm, 126 pp. — Para comemorar os 350 anos da morte de Cervantes, o Centro de Arte Dramática da FFCL da UF do RGS publicou quatro comédias curtas, traduzidas e apresentadas por Paulo Hecker Filho. As comédias reunidas neste volume são: **A Guarda Cuidadosa; Os Faladores; O Juiz dos Divórcios; O Teatro das Maravilhas**.

6) **O Teatro de Sêneca**, por Ângelo Ricci, C.A.D. da FF da UF do RGS, Pôrto Alegre, 1967, 1 vol. br., 12 x 18 mm, 64 pp. — Êste volume apresenta a erudita conferência pronunciada por Ângelo Ricci, a convite do Instituto de Cultura Hispânica de Pôrto Alegre, em 1965, por ocasião do XIX Centenário da morte de Lúcio A.

Sêneca. O Autor tece considerações sôbre o teatro antigo, e analisa com rara competência o teatro de Sêneca.

7) **Lope de Vega**, por Ivan Lins, C.A.D. da FF da UF do RGS, Pôrto Alegre, 1967, 1 vol. br., 12 x 18 mm, 36 pp. — É o texto de uma brilhante conferência de Ivan Lins sôbre Lope de Vega, "o grande poeta, diz o Autor, que constitui, desde a minha mocidade, uma de minhas predileções literárias".

8) **Aspectos do Barroco**, FF da UF do RGS, Pôrto Alegre, 1967. Dois volumes br., 16 x 23 mm, o I de 84 pp., e II de 120 pp. — Reúnem as Conferências pronunciadas durante dois ciclos de um curso de extensão universitária sôbre os "Aspectos do Barroco", por iniciativa do Gabinete Português de leituras, de Pôrto Alegre. As palestras foram lidas no salão da FF da UF do RGS e tiveram, também, o patrocínio da Faculdade de Arquitetura daquela Universidade Federal. Aspectos abordados: **Conceito do Barroco** (Ângelo Guido), **O mundo ocidental no ciclo barroco** (Helga Piccolo), **Causas de ordem social e cultural do Barroco** (Luís C. Rothmann), **Ambiência luso-brasileira no Barroco** (F. Casado Gomes) (I); **Aspectos do Barroco Literário Espanhol** (Lothar Hessel), **Alguns Aspectos de Literatura Portuguêsa durante o Barroco** (F. Casado Gomes), **O Barroco na Literatura Francesa** (Marcel Lacarra), **A Literatura Barroca na Alemanha** (Walter Koch), **O Barroco na Literatura Inglêsa** (John M. Mann), **O Barroco e a Literatura Italiana** (Ângelo Ricic) (II).

9) **Faculdade de Filosofia — 25 Anos de Atividade (1942-1967)**. Obra impressa nas oficinas gráficas da Livraria do Globo, sob a responsabilidade da CP da FFCL da UF do RGS, Pôrto Alegre, 1967, 1 vol. br., 16 x 23 mm, 138 pp.

Este bosquejo histórico dos primeiros 25 anos de atividade da FFCL da UF do RGS foi organizado pelos Professôres Lothar Francisco Hessel e Earle Diniz Macarthy Moreira, incumbidos pelo Diretor da Faculdade de Filosofia, Professor Ângelo Ricic.

Assuntos tratados neste volume: 1. Histórico — 2. Instituições Anexas — 3. Atividades Extra-curriculares — 4. Corpo Docente — 5. Corpo Discente — 6. Corpo Administrativo — 7. Legislação — 8. Documentação.

Trata-se de um volume rico de informações e notícias de muito interêsse histórico. "Nesta coletânea de dados — diz o Diretor da Faculdade no prefácio — cita-se tudo o que foi possível extrair dos documentos existentes..... Estamos às vésperas da Reforma uni-

versitária que impiedosamente desmembrará esta pequena universidade que é a Faculdade de Filosofia, sem deixar-lhe sequer o nome. Até o nome desaparecerá! Só não queremos que ao menos a pequena história desta Faculdade venha a desaparecer”.

Luígi Castagnola

Romano Galeffi, **A Autonomia da Arte na Estética** de Benedetto Croce, Atlântida Editôra, Coimbra, 1966.

Este trabalho, inicialmente apresentado como tese de concurso na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal da Bahia, vem agora a lume, em Coimbra, integrando a Biblioteca Filosófica, dirigida pelo Professor Sílvio Lima.

Romano Galeffi, desde longos anos, é dedicado cultor de problemas filosóficos; as questões relativas à estética atraíram sempre sua atenção e Benedetto Croce é um de seus afetos.

É, pois, natural que tenha dedicado um trabalho especial a ilustrar um dos aspectos da filosofia da arte do filósofo italiano: a autonomia da arte.

Na parte introdutiva ou geral, o Autor procura delimitar o conceito de estética: “a estética representou e representa a **teoria da arte**”, diz R. Galeffi, “e, dado que não há teoria que não deva ser ao mesmo tempo filosófica, é substancialmente **filosofia da arte**” (pág. 19).

Desenvolve, a seguir, uma indagação sôbre os fundamentos históricos da estética, abordando ainda o pensamento estético do iluminismo francês e inglês e a estética de Leibniz e Baumgarten.

Na parte monográfica, o A. trata do assunto que constitui, propriamente, o âmago da tese: a autonomia da arte na estética de Benedetto Croce.

Interessantes, também, são as páginas que o A. consagra ao perfil biográfico e cultural de Croce.

O volume contém, no final, uma rica bibliografia sôbre toda a matéria tratada.

A publicação é fruto de indagação pessoal e fornece preciosos elementos para se entender o pensamento de Croce sôbre a arte.

Luigi Castagnola.

Fioravante Valentino Ferro, **Gráfico Impercettibile — Gráfico Imperceptível**, Florianópolis, 1967.

É um livro de poesias que nos oferece Fioravante V. Ferro, professor de Língua e Literatura Italiana na Universidade Federal de Santa Catarina.

Aqui não pretendemos fazer uma análise estética, nem uma crítica literária, mas unicamente uma resenha bibliográfica.

Para com a poesia de nossos tempos diversos críticos literários da atualidade manifestaram opiniões pouco animadoras, na França, na Itália e também no Brasil. No entanto, a flor da poesia floresce quando quer e onde quer. E os livros de poesias continuam agradando, quando o poeta é poeta de verdade.

O que encanta o leitor de o "Gráfico Impercettibile-Gráfico Imperceptível" é precisamente a espontaneidade, a singeleza, a emoção que transparecem através destes versos fluentes em sua forma embalada, ricos de imagens cristalinas e densos de significações espirituais.

O Autor chama de "fragmenta mei" suas poesias, e afirma que escreveu "não para os outros, mas para clareza de mim mesmo, por uma impelente urgência de transbordamento, quando o íntimo fervor mal contido forçava a explosão; de repente parando quando aquêle fervor descia". Ferro escreve impulsionado pelo "sentimento incoercível". É, pois, poesia pessoal. E seria tentativa inútil querer filiar esta poesia a esta ou àquela escola poética, porque, diz o Autor aos que o lerem, uma "poética não possuo, senão a de escrever como sinto, nenhuma problemática tenho a levantar e não vejo a necessidade de lançar mensagens, porque, fora a evangélica não creio em nenhuma outra, e muito menos em minha, se por acaso, do fundo da alma tentasse emergir".

Silveira Lenzi, ao apresentar o volume de Fioravante Ferro diz que descobriu nêle "um europeu magoado pelas atrocidades da guerra, pelo buliço das grandes metrópoles, pela competição sufocante. Assim, a nossa ilha não é o seu asilo, mas o seu Paraíso, pois

... muito de mim se perdeu
mas o que de mim se salvou
entrego ao teu céu, ao teu mar,
ó Florianópolis.

A poesia que os leitores encontrarão neste volume revela o valor da experiência, a marcação do solitarismo, todavia, cheio de

presenças e imagens belas, salientando-se Deus, no trabalho de Fioravante Valentino Ferro, o homem enclausurado, livremente, do continente europeu, nesta encantadora Ilha, como uma séria e utilíssima revelação”.

O Autor, que é também um pintor apaixonado, agrupou suas poesias sob os três títulos seguintes: Gráfico do Tempo, Gráfico do Coração, Gráfico da Alma. Ao texto em língua italiana se segue, ao lado, a versão muito linda em língua portuguesa.

Um belo livro de líricas, em que Fioravante Ferro fixa, em imagens de sonho, os sentimentos que o evoluir do tempo desperta no seu espírito, as saudades do coração cansado pelo muito andar ao longo dos caminhos do mundo, as trépidas esperanças da alma. Especialmente cmovedoras são as líricas que formam o grupo “In Mei Patris Memoriam”.

Luigi Castagnola.